



## “AMOR”, DE CLARICE LISPECTOR: UM MUNDO ORGANIZADO SE DESMANCHA



## “AMOR”, BY CLARICE LISPECTOR: AN ORGANIZED WORLD COMES APART

FABRÍCIO LEMOS DA COSTA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR  
RECEBIDO EM 16/09/2022 • APROVADO EM 26/12/2022

---

### Abstract

This article aims to reflect on the tale “Amor”, second narrative from **Laços de família** book (2009), by Clarice Lispector (1920-1977). In our reading, we will approach the transformation whereby the character Ana experiences, prefiguring the passage from the world of order to an experience through discontent in voracity and disorder. In this regard, our interpretation emphasizes the contact with the wild and raw nature as a key of possible new ways to interact with the world, made by the “Accursed Share” of the subject. For this, we resort to studies by Sousa (2000), Nascimento (2004, 2012), and Sá (1979, 2004). Beside these last, we also highlight Nietzsche (2001) and Bataille’s (1989, 2018) reflections.

---

### Resumo

O presente estudo tem como objetivo refletir sobre o conto “Amor”, segunda narrativa do livro **Laços de família** (2009), de Clarice Lispector (1920-1977). Em nossa leitura, abordaremos a transformação em que vivencia a personagem Ana, prefigurando-se na passagem do mundo da ordem a uma experiência pelo mal-estar em voracidade e desordem. Neste viés, nossa interpretação enfatiza o contato com o selvagem e a bruta natureza como chave de possíveis novos modos de se relacionar com o mundo, feito pela “parte maldita” do sujeito. Para isto, recorreremos aos estudos de Sousa (2000), Nascimento (2004, 2012) e Sá (1979 e 2004). Ao lado destes, destacamos também as reflexões de Nietzsche (2001) e Bataille (1989 e 2018).

---

**Entradas para indexação**

---

**KEYWORDS:** “Amor”, Clarice Lispector, Discontent, Wild.

**PALAVRAS-CHAVE:** “Amor”, Clarice Lispector, Mal-estar, Selvagem.

---

**Texto integral**

---

“Ao redor, havia uma vida silenciosa, lenta, insistente.  
Horror, horror”  
(Clarice Lispector, “Amor”<sup>1</sup>)

“Pois minha felicidade é traquinas!  
Pois minha felicidade é maldosa! -  
Querem mesmo colher minhas rosas?”  
(Nietzsche, **A Gaia Ciência**<sup>2</sup>)

## 1. O SELVAGEM COMO PROJETO LITERÁRIO

Desde 1943, ano de aparecimento de **Perto do coração selvagem**, primeiro romance de Clarice Lispector, o selvagem, como fica evidente no título da narrativa, colocou-se como parte importante de um projeto ficcional clariceano. Em seus diversos romances, contos e crônicas, um mundo bruto e animal corrobora experiências de vários personagens, que passam a vivenciar novas perspectivas em diversas situações, em que, quase sempre, a animalidade demonstra a presença de um Outro, cujas mudanças num Eu se perfazem como movimento de radical alteridade, ou ainda, em mudança de vida. Trata-se, portanto, de um projeto literário que tem no selvagem a sua clave. Em suma, consideramos este selvagem como parte, ou ainda, como “vidas” novas que se inauguram em certos momentos na rotina dos personagens, segundo os quais, imersos nesta novidade, experimentam também de estranhamentos, mal-estar e desordenamentos no cotidiano.

Neste sentido, concordamos com Carlos Mendes de Sousa (2000), ao sublinhar que, na ficção de Clarice Lispector, se configura uma “voracidade, que aparece sob diversas formas” (SOUSA, 2000, p. 244). Dessa maneira, consideramos que essa “voracidade”, marca do selvagem, encontra no animal, por vezes, a sua principal questão. Portanto, é mister analisarmos como esta particularidade voraz se apresenta nas narrativas. Nesta abordagem, interessamo-nos por esta relação entre homem/selvagem, cujas interseções inauguram uma busca por uma natureza bruta, mas, ao mesmo tempo, metaforicamente, significa uma “ponte” para a consciência de si mesmo.

---

<sup>1</sup> LISPECTOR, 2009, p. 28.

<sup>2</sup> NIETZSCHE, 2001, p. 21.

Ainda sobre a presença da animalidade na ficção de Lispector, Sousa (2000) afirma que “o lado animal da obra é uma revelação do animal interior que nos habita — em alguns casos, enjaulado dentro de nós” (SOUSA, 2000, p. 237). Neste ínterim, o selvagem, dado em suas diversas “formas”, configura-se, como dissemos anteriormente, em um projeto clariceano, o qual se mostra em variadas maneiras, como se vê nos diversos momentos em que o “silêncio” aparece, inferindo-se a presença de um mundo que se faz fora da linguagem humana, antes, se constitui num silencioso estado natural, isto é, em relações que demonstram um “calar” para melhor contemplar um viver dado em latência, voracidade e brutalidade. Para isto, muitas vezes, ficcionalmente, com recursos narrativos que lembram o pictórico.

Assim, neste viés, com a voracidade animal, vemos cotidianos e rotinas sendo reconfiguradas, transformadas e desorganizadas, no plano da narrativa, para emergir problematizações em torno de vidas de outrora. Muitas vezes, este selvagem aparece para questionar “verdades” e modos de vivência lógica, pautada, sobretudo, em racionalidade, “fruto” que é de uma herança humanista e cartesiana de compreensão do mundo. Poder-se-ia falar, aqui, na esteira do pensamento de Jacques Derrida, em uma possível desconstrução do sujeito, ou como afirma Evando Nascimento (2012, p. 27), em um “chamado” ou “apelo” ao selvagem.

Dessa forma, acreditamos que pelo animal, ou ainda, no aparecimento de “rastros” que o lembra, como a voracidade e a brutalidade no humano, é possível pensarmos mudanças como “um processo de descentramento” (NASCIMENTO, 2004, p. 40), o qual está na base da desconstrução derridiana, segundo Nascimento. Portanto, nesta abordagem, na presença do selvagem, da voracidade e da brutalidade, temos o intento de interpretar o conto *Amor*, em que o consideramos como narrativa que “carrega” uma capacidade “pensante”, termo problematizado por Nascimento (2012, p. 24) em seu livro **Clarice Lispector: uma literatura pensante**. Neste caso, vê-se no conto *Amor* uma oportunidade de indagarmos, ficcionalmente, mundos organizados, assim como verdades e lógicas prefiguradas e sem questionamento.

## 2. A ROTINA DE ANA: DA ORDEM E DA “RAIZ FIRME”

*Amor*, narrativa que faz parte do livro **Laços de Família**, publicado pela primeira vez em 1960, pela Editora Francisco Alves, inicia-se mostrando a rotina da personagem Ana, dividida entre “tomar” o bonde, fazer compras, cuidar da limpeza da casa e do cuidado dos filhos e do marido. Ana, como se demonstra no conto, é uma mulher imersa nas tarefas domésticas, sendo “cobrada” pelo dia a dia dos afazeres cotidianos. Vejamos um trecho inicial:

Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde. Depositou o volume no colo e o bonde começou a andar. Recostou-se então no banco procurando conforto, num suspiro de meia satisfação.

Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. Mas o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. (LISPECTOR, 2009, p. 19)

No excerto, temos apresentada a rotina de Ana. Mergulhada em obrigações, ela vê os filhos crescendo, seu espaço de moradia se organizando, numa vida que lembra uma ordenação, portanto, uma vivência que se perfaz, principalmente, em funções e tarefas definidas. A sua, como fica evidente no conto, se fazia como sustentáculo dos filhos e do marido, naquilo que ela considerava como “raiz firme das coisas” (LISPECTOR, 2009, p. 20). Como faz lembrar o título do livro, no qual o conto *Amor* pertence, Ana, presa à família, cuida de todos, organiza as suas vidas, enfim, prefigura-se, ali, “um destino de mulher”, como sublinha o narrador:

Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. *O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros.* Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. *Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia.* (LISPECTOR, 2009, p. 20, grifo nosso)

Pelo fragmento acima, é possível dizer sobre o passado e presente de Ana. Ela, por uma família “verdadeira”, afastou-se de uma “juventude anterior”, dada como “estranha”<sup>3</sup>, porque ficara distante, mas que carregava alguma “felicidade”. Perguntamo-nos, o que significa a verdade de Ana, daquela mulher casada, possuidora de marido e filhos “verdadeiros”? Indagamo-nos, ainda, o que Ana guardava, ou queria, escondia e desejava? Por meio destas perguntas, iremos interpretar o “destino” desta personagem, que fala de felicidade no passado, para dar lugar a uma vida “organizada”, de “raiz firme” e “verdadeira”.

Poder-se-ia, aqui, antecipar alguns pontos de nossa abordagem. Ana, envolvida na família, revela um mundo ordeiro, tendo como principal característica a divisão de papéis: a esposa, o esposo e os filhos. Por outro lado, como faz lembrar o título do conto, *Amor* faz parte de um conjunto de textos que têm relação com a discussão sobre famílias em suas mais diversas maneiras. Nesta história, a

---

<sup>3</sup> Cf. NASCIMENTO, 2012, p. 25: “Estranha exatamente pelo motivo de dispor de uma vasta capacidade confessional sobre o muitas vezes socialmente indizível (num sentido algo próximo do indizível de Emmanuel Lévinas). Não que esse dizer tudo seja isento de qualquer tipo de sanção. [...] A literatura de Clarice tem ajudado a questionar os limites do humano, na medida mesma em que traz para seu espaço formas concorrentes em relação à tradição, tais como animais e objetos, texturas, paisagens, cores, trechos musicais, ruídos e silêncios.”

personagem guarda em si, daquela que chama de juventude estranha, o elo que possibilita a problematização do amor, o qual não deve ser compreendido como mero sentimento amoroso.

Este *Amor*, no entanto, dialoga com várias narrativas da autora, como sublinha Olga de Sá (2004) em **Clarice Lispector: a travessia do oposto**. Para ela, o amor na literatura de Lispector: “é uma realidade questionante, não como expansão de emoções e sentimentos; mas contida, retesada. [...] Do amor é a glória; mas do amor, o tédio, a rotina, o cotidiano, são o caruncho” (SÁ, 2004, p. 175). No fundo, Ana experimentava, neste momento de sua vida, a da rotina familiar, este amor mais tarde questionado, mistura de afeto ao lado de pessoas “verdadeiras”, mas, ao mesmo tempo, começava a explodir dentro dela uma Ana de outrora, ou, quem sabe, uma outra ainda não conhecida:

Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite — *tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro*. (LISPECTOR, 2009, p. 23, grifo nosso)

“Tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro”. Temos, aqui, exposto o *Amor* de Ana, dado como vida “mantida” em tentativa de organização, assim como na obrigação da “separação”, ou diríamos, classificação das pessoas em suas devidas funções<sup>4</sup>. Portanto, é este amor que será problematizado na rotina da personagem, visto, posteriormente, em camadas de sentidos, no qual uma outra experiência é capaz de desorganizar e descentralizar este “amoroso familiar” que é apresentado no início da narrativa. Dialogando com Sousa (2000, p. 237), acreditamos que Ana vivia ao lado de pessoas “verdadeiras”, como acrescenta várias vezes o narrador, todavia, internamente, reconhecia-se “enjaulada”, espécie de desconforto, em seu próprio apartamento. Em sua família, viu-se afastada<sup>5</sup> daquela “estranha” juvenil e inserida num “destino de mulher”. Crescia a rotina de Ana, mas, internamente, o que crescia naquela mulher? Tentaremos responder na próxima seção deste trabalho. Vejamos mais um trecho:

Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. E cresciam árvores. Crescia sua rápida conversa com o cobrador de luz, crescia a água enchendo o tanque, cresciam filhos, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com jornais e

---

<sup>4</sup> Cf. LISPECTOR, 2009, p. 20: “Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções.”

<sup>5</sup> “Afastada”, aqui, deve ser entendido como paradoxo de um “estranho familiar”, isto é, como ausência e presença de uma Outra. Em síntese, a Ana do passado, que tenta ser “abafada” por objetivo de possuir uma família tradicional. Trata-se, pois, de uma espécie de desconforto pela ainda presença do passado no presente da mulher.

sorrindo de fome, o canto importuno das empregadas do edifício. Ana dava a tudo, tranquilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida. (LISPECTOR, 2009, p. 19)

Inferimos, portanto, que tudo crescia no cotidiano de Ana, entretanto, o crescimento dava-se na ordem da perspectiva externa e dos outros, isto é, a mulher, em nosso entendimento, antes, servia como “sustentáculo” para o crescer da família “verdadeira”, no sentido social e cultural de uma estrutura familiar patriarcal. Neste viés, questionamo-nos se Ana crescia também como mulher e como pessoa individual, e, não como mera esposa e mãe imersa que seria em sua função naquela família. Acrescentamos que talvez haja naquela vivência uma insatisfação velada de felicidade e organização, em que será posta à prova na entrada de Ana ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Lá, ela toma contato com o desorganizado, no fundo, metaforicamente, com a verdadeira satisfação do indivíduo. Em síntese, busca-se o espírito livre. Neste momento, é oportuno recorrermos ao que diz Nietzsche (2001) em uma passagem de **Gaia Ciência** sobre “a natureza livre”:

Selvagem, arbitrária, fantástica, desordenada, surpreendente: e fazem bem ao fazê-lo, pois somente assim fazem bem a si próprios! Pois uma coisa é necessária: que o homem atinja a sua satisfação consigo — seja mediante esta ou aquela criação e arte: apenas então é tolerável olhar para o ser humano! Quem consigo está insatisfeito, acha-se continuamente disposto a se vingar por isso. (NIETZSCHE, 2001, p. 196)

Em suma, com estas considerações, discutiremos a possibilidade de uma mudança, mesmo que seja vislumbrada no plano da inquietação, em que a mulher experimentara da natureza em sua desorganização e da impossibilidade da classificação, espécie de “mal” que se antecipa com a visão de um cego mascarando chiclete.

### 3. “O MAL ESTAVA FEITO”: DA DESORDEM

No bonde, ao sacolejar do transporte, Ana deixa quebrar os ovos que havia comprado, chamando a atenção dos passageiros, e, nesta situação, tem a visão de um homem mascarando chiclete: “Poucos instantes depois já não a olhavam mais. O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascarando goma ficara atrás para sempre. Mas o mal estava feito” (LISPECTOR, 2009, p. 22). Faz-se mister problematizarmos o mal nesta passagem. Em síntese, compreendemo-lo em sentido contrário à mera perspectiva cristã, antes, prefigura a abertura, ou ainda, novas possibilidades. Para tanto, é oportuno trazermos, neste estudo, o que sublinha Georges Bataille (1989) em **A Literatura e o mal**:

A paixão não escapa à maldição: só uma “parte maldita” está destinada àquilo que, numa vida humana, tem o sentido mais carregado. A maldição é o caminho da benção menos ilusória. Um ser orgulhoso aceita lealmente as piores consequências de seu destino. Às vezes até lhe é preciso sair ao encontro deles. A “parte maldita” é a do jogo, do aleatório, do perigo. É ainda da soberania. (BATAILLE, 1989, p. 27-28)

Neste bojo, a visão de um cego em movimentos repetitivos de mastigação, corrobora naquela rotina feminina, ou seja, fazer as compras da casa, uma “parte maldita”, despertando-lhe uma potência guardada. Olga de Sá (1979, p. 194) em **A escritura de Clarice Lispector**, como já é bastante recorrente na fortuna crítica da escritora, diz tratar-se de uma epifania, espécie de “visão”, “deslumbramento” ou “explosão”, que se abre no cotidiano.

Em suma, aquele sacolejar do bonde, o qual já nos mostra um movimento da mulher, em um dinamismo que destrói os ovos, em que, metaforicamente, pode ser interpretado como aquela vida verdadeira anunciada pelo narrador no início da narrativa, mas que prefigura também a delicadeza e a fragilidade de uma estrutura que se descentraliza quando posta em análise mais acurada. Para além da desorganização das compras espalhadas no bonde e dos ovos destruídos, é uma nova experiência que se mostra à personagem conforme aquela situação. Um cego que “mastigava goma na escuridão” (LISPECTOR, 2009, p. 21), fê-la inquietar-se com a própria vida, daquela organizada, passando a perceber uma outra, “vida silenciosa, lenta, insistente. Horror, horror” (LISPECTOR, 2009, p. 28).

Destarte, é pela parte maldita que Ana adentra este novo mundo, na qual sempre fez parte, caso consideremos o argumento de Evando Nascimento (2012), ao afirmar que na ficção de Clarice Lispector revela-se uma vocação ou chamado pelo animal, como já tivemos oportunidade de dizer anteriormente, além disso, ainda de acordo com este crítico, poderíamos afirmar que esta novidade instalada em pleno cotidiano da personagem, leva-a ao contato com certo “estranho familiar”, o qual sempre estivera no interior de si, esperando, quem sabe, um momento para vir à luz da presença.

Este estranho familiar, na esteira da etimologia, significa, como explica Nascimento, o “inquietante, estranho, sinistro, ominoso, assustador” (NASCIMENTO, 2012, p. 26). Assim, temos, aqui, já configurado o elo da vida daquela esposa e mãe. De um lado, uma organização, “raiz firme”, que se refere à estrutura familiar, social, cultural, e, acrescentamos, castradora. De outro, a experiência da desorganização, da “parte maldita”, do bruto prefigurado na natureza, do selvagem e da desclassificação. Assim, mesmo naquela crença da organização familiar, Ana parecia ter consciência de uma outra estranha, guardada, devendo ser “abafada”, enfim, escondida, para que não viesse à presença:

Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura

pelo seu espanto — ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido (LISPECTOR, 2009, p. 20-21)

Ana escolhera uma vida organizada, como revela o narrador, mas, internamente, sempre lhe ocorrera uma inquietação, que se mostrava “perigosa” num momento do dia, como se tivesse consciência de “rastros” de uma estranha que lhe habita, uma selvageria em latência. Vê-se, no entanto, uma escolha pela ordem, entretanto, ao mesmo tempo, a presença anônima de uma mulher inquieta que também pertence à “parte maldita”, à “raiz negra”. É o que mostra os trechos seguintes, os quais justificam uma Ana próxima ao “lavrador”, todavia, por uma escolha, alimenta-o anonimamente:

Como um lavrador [...] Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela. Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se. [...] Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e escolhera. [...] Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo. E alimentava anonimamente a vida. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera. (LISPECTOR, 2009, p. 19-21)

Desse modo, é que entendemos a importância da cena daquele bonde sacolejando, como que “apelando” à “visão” para uma outra vivência, isto é, para que o escondido venha à tona, a “parte maldita” de Ana, abafada por uma família verdadeira. Assim, da arrancada do bonde à visão de um cego, é o “mal-estar” que se coloca, e, com ele, todo um mundo bruto e desorganizado se descortina:

E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito. Por quê? teria esquecido de que havia cegos? A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente. Mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, tinham um ar hostil, perecível... O mundo se tornara de novo um mal-estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam. (LISPECTOR, 2009, p. 22)

Neste novo mundo, a impressão que temos é que as pessoas se tornam mais rudes, potencialmente, mais fortes, livres e menos piedosas. Instaure-se naquele “mal-estar” um movimento individual que “escorria” em qualquer coisa de informe vivência rudimentar. Perfazia-se, portanto, em uma “comunidade” de pessoas satisfeitas, porque “respiravam pesadamente” o mundo ao redor. Poder-se-ia, como já o fizemos, dialogar com Nietzsche ao dizer que “serão as naturezas fortes, sequiosas de domínio, que fruirão sua melhor alegria numa tal coação, num tal constrangimento e consumação debaixo de sua própria lei” (NIETZSCHE, 2001, p. 196). Em suma, este é o grande espanto de Ana diante daquela visão, em que se



contrapõe, em certa medida, à esposa e à mãe de pessoas verdadeiras, para isto, escondendo-se de si mesmo:

Um cego mascando chicles mergulhara o mundo em escura sofreguidão. Em cada pessoa forte havia a ausência de piedade pelo cego e as pessoas *assustavam-na com o vigor que possuíam*. Junto dela havia uma senhora de azul, com um rosto. Desviou o olhar, depressa. Na calçada, uma mulher deu um empurrão no filho! (LISPECTOR, 2009, p. 23, grifo nosso)

“Assustavam-na com o vigor que possuíam”. Vê-se, nesta passagem, o mal-estar e o espanto da mulher. Poderíamos responder, neste momento, parte das perguntas que fizemos no início deste trabalho. O que Ana guardava e escondia dá-se na ordem de uma potência que possuía. Nesta “força”, a piedade e a servidão afastam-na de sua natureza livre, maldosa, no sentido, aqui, de aberta às possibilidades de desorganização. No fundo, a mulher sempre soube de sua “vocação” à selvageria e à brutalidade. Metaforicamente, este “mal” guardado tem o poder de libertá-la do “enjaulamento” de si mesmo. Sobre a metáfora do mal em Clarice Lispector, Nascimento (2012) argumenta:

O Mal também pode e vem servindo como metáfora para compreender nossa relação com o mundo. Tenho mesmo a impressão de que o Mal, isso que se chama assim, é a metáfora para um conjunto de forças que assediam os humanos desde sempre, na fronteira entre o fora e o dentro. (NASCIMENTO, 2012, p. 259)

Pelo excerto de Nascimento, entende-se que o mal insinua “forças” que apelam e invocam o sujeito para novas formas de vivência. Neste ínterim, do “mal que estava feito”, como repete por mais de uma vez o narrador do conto *Amor*, questionamo-nos, o quê e quem assedia Ana? Acreditamos que se trata de uma voracidade, próprio do selvagem de um mundo desorganizado e ainda sem definição. Revela-se, no fundo, um chamamento ao “infamiliar”, que, por vezes, assusta, entretanto, “guarda” potências e forças para o alcance de um verdadeiro espírito livre, sem amarras e condicionamentos morais e sociais. Todavia, para esta “liberdade” individual, uma natureza a chamava, dada, em síntese, pela sua desorganização, prefigurada no Jardim Botânico:

Ao seu redor havia ruídos serenos, cheiro de árvores, pequenas surpresas entre os cipós. Todo o jardim triturado pelos instantes já mais apressados da tarde. De onde vinha o meio sonho pelo qual estava rodeada? Como por zunido de abelhas e aves. Tudo era estranho, suave demais, grande demais. [...] Inquieta, olhou em torno. Os ramos se balançavam, as sombras vacilavam no chão. Um pardal ciscava na terra. E de repente, com mal-estar, pareceu-lhe

ter caído numa emboscada. Fazia-se no jardim um trabalho secreto do qual ela começava a se aperceber. (LISPECTOR, 2009, p. 24)

Portanto, neste pequeno mundo rudimentar, que lembra o jardim terciário<sup>6</sup> do romance **A maçã no escuro**, publicado pela primeira vez em 1961, pela Editora Francisco Alves, um ano após o aparecimento de **Laços de Família**, um mundo todo cresce, sem nenhuma organização. No romance, conta-se a história de Martim, que após a tentativa de assassinar a sua esposa, não sabendo que esta não morrera, foge e “pula” para um terreno rudimentar e terciário. Nele, o fugitivo toma contato com a natureza, na sua desorganização e informe materialidade.

Além disso, no orgânico exposto, o personagem passa a experimentar novos modos de comunicação, sobretudo no aguçamento de sentidos que até então, poderiam estar inativos em sua antiga vida, antes da fuga. Trata-se da capacidade de olhar e tocar o mundo com mais intensidade, como um animal, ele passa a tornar-se autossuficiente e livre: “Em duas semanas tinha recuperado um orgulho natural e, como uma pessoa que não pensa, tornara-se autossuficiente” (LISPECTOR, 1985, p. 18). No conto *Amor*, este “mundo” mais rude, sem sentido e livre, é insinuado ainda no movimento do bonde, como que antecipando uma passagem, de um mal-estar por vir, mais tarde, efetivado com mais força no jardim, em sua desordem. Vejamos:

A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima como quando a tricotara. A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido; não sabia o que fazer com as compras no colo. [...] O que chamava de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada. (LISPECTOR, 2009, p. 22-23)

Neste bojo, como Martim, Ana encontrara naquele jardim, uma natureza que apenas era, ou seja, um mundo “grande”, “estranho”, e, acima de tudo, aterrorizador porque, diferentemente daquela rotina da mulher, dada em praticidade e mecanicidade, a natureza “crescia sem sentido”, como afirma o narrador de **A maçã no escuro**. Para este crescer, o jardim todo, em dureza natural, tem o apodrecimento, a desorganização e a decomposição a sua dinâmica. Em **A maçã**, em fuga, quando o silêncio se refez dentro do silêncio, Martim adormeceu ainda mais longe” (LISPECTOR, 1985, p. 10), assim acreditamos ter acontecido também com esta outra anônima do conto *Amor*. Ao tornar-se entregue à esta imagem recorrente na narrativa clariceana, isto é, a do adormecimento, ela percorre caminhos outros: “A vastidão parecia acalmá-la, o silêncio regulava sua respiração. Ela adormecia dentro de si” (LISPECTOR, 2009, p. 24).

---

<sup>6</sup> Cf. LISPECTOR, 1985, p. 41: “O mundo era grande. Nesse mundo a verdura crescia sem sentido e pássaros famélicos voavam como num domingo. A árvore que ele viu era de pé. Na beleza do silêncio, a árvore. Foi assim que o homem profundamente viu. Olhou face a face a minúcia com que a beleza da árvore era inútil. Trezentas mil folhas tremiam na árvore tranquila. O ar tinha tanta graça excedente que o homem desviou os olhos. No duro chão empinavam-se os arbustos.”

Poder-se-ia pensar, aqui, que o estranhamento e o “horror” de Ana apresentam-se, justamente, nesta tomada de consciência de que o mundo, este natural e informe, recusa à organização, à limpeza e à classificação, como mostra a primeira epígrafe deste trabalho, dá-se numa “insistência silenciosa”:

Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão caroços secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos. O banco estava manchado de sucos roxos. Com suavidade intensa rumorejavam as águas. No tronco da árvore pregavam-se as luxuosas patas de uma aranha. *A crueza do mundo era tranquila. O assassinato era profundo.* E a morte não era o que pensávamos.

Ao mesmo tempo que imaginário - *era um mundo de se comer com os dentes*, um mundo de volumosas dalias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudos, o abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega - era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante.

As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia. [...] A decomposição era profunda... Mas todas as pesadas coisas, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos, enviados pela vida mais fina do mundo. (LISPECTOR, 2009, p. 25, grifo nosso)

Desta longa citação, temos configurado o que Ana experimentara naquele jardim. Nele, expõe-se o que a mulher no dia a dia “abafava”, isto é, a “crueza”, e, metaforicamente, uma potência de “assassinato”. Neste ínterim, o “mal estava feito”, porque a esposa e mãe, na tarefa de organizar o mundo, de mantê-lo em “raiz firme”, limpando os móveis, costurando roupas, organizando a mesa para o jantar do marido que chega sorrindo com fome, um outro mundo, “silencioso”, coexiste.

Estaria ela a pensar que a ordem e certas “verdades”, conforme aquele contato com o bruto e a crueza natural, não passam de uma ilusão, prestes à apodrecer? São perguntas demasiado complexas de responder, mas, no fundo, sabemos que na materialidade do jardim, em inquietação profunda, um mal se “plantou” em Ana. Agora, ela tinha consciência que ao lado da organização, existe um mundo silencioso “trabalhando”, que a leva a um certo mal-estar, pois se perfaz na “ordem” do “infamiliar” e do desconforto, estando não apenas no jardim, mas também em seu próprio apartamento. O horror, portanto, advém da certeza de que dentro da ordem, a desordem trabalha, e, que, em síntese, a “verdade”, a sensação de limpeza e organização são apenas ilusões.

Além disso, vê-se que Ana no adentrar ao jardim, também percebe que esta realidade que se renova e apodrece, é “um mundo de se comer com os dentes”. Poder-se-ia, aqui, inferirmos qualquer coisa de uma crueza natural que comunica “potências” de ferocidade e selvageria àquela mulher, dado, em metáfora, como um chamado<sup>7</sup>, como pensa Nascimento (2012), ou ainda, apelando-lhe para que

<sup>7</sup> Cf. LISPECTOR, 2009, p. 27: “A vida do Jardim Botânico chamava-a como um lobisomem é chamado pelo luar.”

considere este modo de apenas ser, sem usar o pensamento e a racionalidade, como Martim de **A maçã no escuro**:

No instante seguinte ele notou o processo. E porque aquele homem parecia não querer nunca mais usar o pensamento nem para combater outro pensamento - foi fisicamente que de súbito se rebelou em cólera, agora que enfim aprendera o caminho da cólera. Seus músculos se comprimiram selvagememente contra a imunda consciência que se abria ao redor da unha.

Ilógico, lutava primitivamente com o corpo, torcendo-se numa careta de dor e de fome, e com voracidade ele todo tentou se tornar apenas orgânico. (LISPECTOR, 1985, p. 40)

Em diálogo com o itinerário de Martim, acreditamos que o orgânico desperta a “parte maldita” dos sujeitos, mesmo aqueles inseridos numa rotina de organização, como se passa com Ana. Destarte, é pela ferocidade de um mundo de se “comer com os dentes”, que se ativa em tantos personagens clariceanos a experiência da recusa ou inquietação em relação à piedade, ao amor servil, à fragilidade, ao domesticado, para emergir, quem sabe, uma natureza forte e livre. Neste sentido, o contato com a brutalidade do orgânico em latência, prefigura o animal que há em cada homem e em cada mulher, resgatando-lhes “instintos básicos como a força física e a devoração” (SOUSA, 2000, p. 233), como pensa Carlos Mendes de Sousa na esteira de Gaston Bachelard (1986), autor de **Lautréamont**.

Queremos dizer, com isto, que, Ana, inicialmente, percebendo o estranhamento que significava um cego mascando goma, e, em seguida, adentrando o pequeno mundo bruto e rudimentar do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, fê-la despertar-lhe para a sua “parte maldita”, a abafada crueza que sempre habitou em si, e, agora estava sendo invocada por aqueles acontecimentos em sequência. Vale ressaltar que se trata de uma metáfora do mal posto no caminho da mulher, instigando-lhe à abertura para um espírito verdadeiramente livre, em que, se sentia, agora, alguma piedade, “era uma piedade de leão” (LISPECTOR, 2009, p. 27).

Assim, a imagem da devoração, em passagens como “um mundo de se comer com os dentes”, citado anteriormente, remete a estas potências de uma natureza forte, despertada em Ana, inquietando-a. Para Sousa (2000), dialogando com Gilbert Durand e Gaston Bachelard, “a boca vai fundamentar o arquétipo da devoração, justamente um dos mais actantes arquétipos, cristalizado em imagens de bocas de animal, com dentes afiados, prontas para ladrar e para morder” (SOUSA, 2000, p. 234). Portanto, é esta selvageria e ferocidade que aterroriza a personagem, vivenciada desde o momento em que o mundo organizado se desmancha, como podemos interpretar pelos ovos que se quebram, ainda no bonde.

Nesta abordagem, é interessante o que afirma Georges Bataille (2018) no verbete “Boca”, da Revista **Documents**. Segundo ele, “a boca é o começo, ou, se quiserem, a proa dos animais: nos casos mais característicos, é a parte mais viva, isto é, a mais aterrorizante para os animais que estiverem próximos” (BATAILLE, 2018, p. 191). Em síntese, quando direcionamos para Ana, sobretudo na passagem que revela o mundo dado em devoração, portanto, em voracidade e brutalidade,

vemos esta particularidade animal se constituindo como maneira mais latente de devorar e digerir este mundo, tornando-se, quem sabe, mais potente. Pela boca, então, a mulher se aproxima da natureza selvagem do animal, visto, em imagem, como impulso de um espírito forte guardado. Ainda de acordo com Bataille (2018, p. 192), no mesmo verbete, a boca do animal carrega “impulsos explosivos”, “vociferações”, assim como “impulsos físicos profundos”.

Então, é desta realidade desorganizada e feroz que Ana passa a lidar desde o movimento brusco do bonde, marcado, principalmente, como “ritual de passagem” pela visão de um cego mastigando chiclete na escuridão, que, nos lembra, inclusive, em certa medida, aquela maçã no escuro<sup>8</sup> que Martim tenta tocar, metaforicamente, ao longo de seu itinerário. Desse modo, Ana volta para o apartamento, entretanto, como o narrador sublinha, o “mal estava feito”, este, acompanha-a:

Enquanto não chegou à porta do edifício, parecia à beira de um desastre. Correu com a rede até o elevador, sua alma batia-lhe no peito — o que sucedia? A piedade pelo cego era tão violenta como uma ânsia, mas o mundo lhe parecia seu, sujo, perecível, seu. [...] Ela amava o mundo, amava o que fora criado - amava com nojo. Do mesmo modo como sempre fora fascinada pelas ostras, com aquele vago sentimento de asco que a aproximação da verdade lhe provocava, avisando-a. Abraçou o filho, quase a ponto de machucá-lo. Como se soubesse de um mal — o cego ou o belo Jardim Botânico? — agarrava-se a ele, a quem queria acima de tudo. Fora atingida pelo demônio da fé. A vida é horrível, disse-lhe baixo, faminta. (LISPECTOR, 2009, p. 26)

Instalado o mal na vida daquela mulher, prefigurado como consciência de uma realidade lenta, silenciosa, bruta, na qual ela ficara face a face, como seguir o dia a dia naquele apartamento, sabendo, que, mesmo organizando tudo, há sempre uma outra realidade, desorganizando, no fundo, descentralizando o que se põe como verdade? Acreditamos que seguir em frente, talvez, seja encarar o “nojo”, como fez ela, em impulso, revelando ao filho, sob um abraço selvagem, porque estava faminta, o terrível que é a vida.

Todavia, no que tange ao estranhamento implantado em sua rotina, é possível problematizarmos um ponto importante, segundo o acontecimento, trazido, inicialmente, pelo mal-estar de um cego em mastigação mecânica na escuridão. Trata-se da discussão entre a força animal, seu espírito livre, e o domesticado. Para isto, é interessante o que diz Nietzsche (2001). Para ele, “não é a ferocidade do animal de rapina que precisa de um disfarce moral, mas o animal de rebanho com sua profunda mediania, temor e tédio consigo mesmo” (NIETZSCHE, 2001, p. 246). Assim, na esteira do pensamento de Nietzsche, e, considerando a possibilidade deste “selvagem que há em nós” (NIETZSCHE, 2001, p. 246), questionamo-nos em relação ao cotidiano de Ana, principalmente no que diz respeito, como mostra o início do conto, quando ao pegar o bonde, revela o que

<sup>8</sup> Cf. LISPECTOR, 1985, p. 297: “Porque eu, meu filho, eu só tenho fome. E esse modo instável de pegar no escuro uma maçã — sem que ela caia.”

significava a sua vida: “procurando conforto, num suspiro de meia satisfação” (LISPECTOR, 2009, p. 19). Dialogando, pois, com esta ideia do espírito forte em contraposição ao animal domesticado, perguntamo-nos, qual a posição de Ana nestas duas possibilidades?

Acreditamos que naquela situação nova, do mal posto, a mulher se despertou para sua “fome”. No jardim, que “era tão bonito que ela teve medo do inferno” (LISPECTOR, 2009, p. 25), a personagem, conscientemente, passa a olhar e refletir criticamente a vida de outrora: “E por um instante a vida sadia que levava até agora pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver” (LISPECTOR, 2009, p. 26). Em suma, Ana se apercebeu a partir daquela liberdade caótica, porque é da esfera da desordem, do apodrecimento e da decomposição, e, nela, emerge a possibilidade de tornar-se menos “abafada”, ou, quem sabe, menos “disfarçada” do ponto de vista moral e social. Neste sentido, o medo do inferno, de acordo com a nossa abordagem, significa o peso moral que nos acompanha e nos incapacita à liberdade e à entrega ao animal que nos habita. Neste ínterim, o jardim é belo, pois, carrega o informe, o desclassificado, o caos, e, o seu oposto, o inferno, é apenas medo, já que mergulha o homem no doméstico, tamanho são os enclaves colocados para que não avancemos em nossa própria vontade. É o que inferimos por meio deste trecho:

Não havia como fugir. Os dias que ela forjara haviam-se rompido na crosta e a água escapava. Estava diante da ostra. E não havia como não olhá-la. De que tinha vergonha? É que já não era mais piedade, não era só piedade: seu coração se enchera com a pior vontade de viver. [...] *Com horror descobrira que pertencia à parte forte do mundo* - e que nome se deveria dar à sua misericórdia violenta? Seria obrigada a beijar o leproso, pois nunca seria apenas sua irmã. Um cego me levou ao pior de mim mesma, pensou espantada. (LISPECTOR, 2009, p. 27, grifo nosso)

“Com horror descobrira que pertencia à parte forte do mundo”: Este trecho, mostra-se revelador em nossa leitura. Para pertencer a esta “parte”, conforme o pensamento de Bataille (1989), que consideramos como “maldita”, é preciso encarar o imundo, o nojo, o mal-estar. Por meio deles, tem-se um mundo se decompondo e apodrecendo, estando, todavia, como é próprio do “estranho familiar”, muitas vezes, “abafado”, mas vivo em sua presença.

Portanto, aquela mulher, que vivia “protegida” no campo do doméstico, refazendo mecanicamente todas as atividades na tentativa de organizar o mundo à sua revelia, percebe, em brusco dinamismo que inicia no bonde, uma realidade muito próxima, “infamiliar”, lentamente e silenciosamente, coexistindo em latência. Como ainda mostra a citação, para alcançar esta parte do mal, que, no fundo, está escondido em todos nós, faz-se mister adentrar-se em zona perigosa, tendo consciência que o encontro com o “abissal” de nós mesmos, dá-se, na maioria das vezes, com a surpresa, o estranhamento, o medo e o nojo. Para a personagem, por exemplo, seria necessário “beijar” um leproso, arriscar-se nas suas feridas expostas, como um animal que lambe suas próprias secreções. Assim, no lar, este mundo inquietante lhe acompanha:

Mas a vida arrepiava-a, como um frio. [...] Carregando a jarra para mudar a água - havia o horror da flor se entregando lânguida e asquerosa às suas mãos. O mesmo trabalho secreto se fazia ali na cozinha. Perto da lata de lixo, esmagou com o pé a formiga. O pequeno assassinato da formiga. [...] Os besouros de verão. O horror dos besouros inexpressivos. Ao redor havia uma vida silenciosa, lenta, insistente. Horror, horror. *Uma noite em que a piedade era tão crua como o amor ruim.* (LISPECTOR, 2009, p. 28, grifo nosso)

No excerto, temos prefigurado o amor em seu itinerário, este, dado como “amor ruim”, porque se convence da certeza de uma realidade “maldita” que nos habita. Esta parte, próxima da animalidade, por vezes, mostra ao humano o que nós somos de fato, quando estamos sem máscara social, fora da aparência de estruturas culturais familiares, aqui, da ordem do tradicional, quiçá, patriarcal. Em suma, é o mundo cru e bruto, indomesticado, nascedouro de espíritos livres e potentes que vivem segundo as próprias escolhas íntimas, seguras, e, conscientes, de perigos e estranhamentos que cercam o sujeito que aceita o perigo de viver fora do doméstico, longe da “jaula”.

Em síntese, é o orgânico do jardim que ativa com maior força e intensidade o selvagem “guardado” na mulher. Sendo um mundo com outra dinâmica, fê-la viver em aguçamentos de sentidos<sup>9</sup> outrora abafados: “A moral do jardim era outra. Agora que o cego a guiara até ele, estremecia nos primeiros passos de um mundo faiscante, sombrio, onde vitórias-régias boiavam monstruosas” (LISPECTOR, 2009, p. 25).

Por fim, Ana segue a vida. No jantar, que recebera convidados, a presença da realidade que conhecera no Jardim Botânico continua em seu desordenado “trabalho”, inquietando-a. Em síntese, a mulher aguçara o sentido para a vida orgânica, como Martim, de **A maçã no escuro**, em que já tivemos oportunidade de comentar. Depois do jantar, quando estavam sozinhos, o marido prepara um café, assustando-a com um barulho que vinha da cozinha. O esposo, desajeitado, deixava derramar o café, em seguida, diante do “estranho rosto de Ana” (LISPECTOR, 2009, p. 29), convida-a para deitar: “É hora de dormir, disse ele, é tarde. Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver” (LISPECTOR, 2009, p. 29).

Por outro lado, pelo “perigo” que significou a experiência da mulher, “o mal estava feito”, ela já “atravessara o amor e o seu inferno” (LISPECTOR, 2009, p. 29). Assim, ao deitar, o apagar da “flama do dia” (LISPECTOR, 2009, p. 29), significa vivê-la com intensidade, não esquecê-la, afinal, Ana já tinha despertado para o seu amor maldito. Ela, diante daqueles acontecimentos, se via, agora, como “mulher bruta” (LISPECTOR, 2009, p. 29), que precisa conviver com o que lhe fora revelado.

---

<sup>9</sup> Consideramos o novo “sentido” como da ordem do impessoal, no qual tem a potência de retirar a mulher, no plano metafórico, de uma individualização e rotina, “jogando-a” numa vivência orgânica bruta, assim como, integrando-a numa desorganização de “vida sem sentido”. Cf. LISPECTOR, 2009, p. 25-26: “Era quase noite agora e tudo parecia cheio, pesado, um esquilo voou na sombra. Sob os pés a terra era fofa, Ana aspirava-a com delícia. [...] via o jardim em torno de si, com sua impersonalidade soberba.”

Pergunta-se o narrador, para tanto, “o que o cego desencadeara caberia nos seus dias?” (LISPECTOR, 2009, p. 29). De qualquer maneira, compreendemos esta mulher, dado os fatos, como uma “fortaleza”, fortificada em sua “maldição”, que longe de enfraquecê-la, antes, serve-lhe como consciência ativa, própria dos espíritos livres.

Desse modo, pensando no título do livro, **Laços de Família**, finalizamos dizendo que o sentido do “familiar” carrega neste conto uma dupla interpretação, qual seja: a “família verdadeira”, socialmente “inventada”, e, o “infamiliar”, o que se faz presente, embora escondido, mas alimentado anonimamente, sendo, então, a “maldição”, a parte verdadeira e sem “máscara” de cada um.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto *Amor*, segunda narrativa do livro **Laços de Família**, publicado pela primeira vez em 1960, apresenta o itinerário da personagem Ana. Na história, a mulher, ao sacolejar do bonde, deixa quebrar os ovos que havia comprado, e, nesta situação embaraçosa, visualiza um cego mastigando mecanicamente goma no escuro. Em sequência, adentra o Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Conforme estes fatos, interpretamos o despertar de uma “parte maldita” na rotina de Ana, ela que “abafava” em seu cotidiano repetitivo a desordem. Em nossa interpretação, buscamos inferir por diversas passagens da narrativa, o horror da personagem, visto prefigurado como mal-estar diante do estranhamento, nojo e consciência de uma realidade que trabalha, silenciosamente, independente do seu desejo familiar de ser “raiz firme”, como fica evidente no início da narrativa, significando a imobilidade, ao contrário, do sempre móvel orgânico.

Em síntese, pelo contato com esta realidade orgânica, experimentada em intensidade no Jardim, acreditamos estar imbuído a inquietação da mulher, que passa a encarar a vida na sua crueza e brutalidade, como o despertar para uma ferocidade animal que lhe habita, estando, outrora, escondida, guardada, para fazer aparecer apenas uma mãe e esposa, vivendo ao lado de pessoas verdadeiras, como o narrador declara. No fundo, a mulher é sacudida no bonde e invocada à desorganização e ao silencioso orgânico/animal que carrega a potência que ativa a possibilidade de um espírito solto, indomesticável.

---

#### Referências

---

BATAILLE, Georges. **Documents**. Trad. João Camilo Penna e Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018. 272 p.

BATAILLE, Georges. **A literatura e o mal**. Trad. Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1989. 224 p.

LISPECTOR, Clarice. **A maçã no escuro**. São Paulo: Círculo do Livro, 1985. 300 p.



LISPECTOR, Clarice. Amor. In: **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. p. 19-29.

NASCIMENTO, Evando. **Clarice Lispector: uma literatura pensante**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. 303 p.

NASCIMENTO, Evando. **Derrida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 79 p.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 362 p.

SÁ, Olga de. **Clarice Lispector: a travessia do oposto**. 3.ed. São Paulo: Annablume, 2004. 272 p.

SÁ, Olga de. **A Escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes, 1979. 280 p.

SOUSA, Carlos Mendes de. **Clarice Lispector. Figuras da Escrita**. Braga: Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos, 2000. 506 p.

---

#### Para citar este artigo

---

COSTA, F. L. da. “Amor”, de Clarice Lispector: um mundo organizado se desmancha. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 11, n. 4, 2022, p. 36-52.

---

#### O autor

---

FABRÍCIO LEMOS DA COSTA é graduado em Letras — Língua Portuguesa — pela Universidade Federal do Pará (2012), Mestre em Letras — Estudos Literários — pela Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA, 2020). Atualmente, é doutorando em Estudos Linguísticos e Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA).